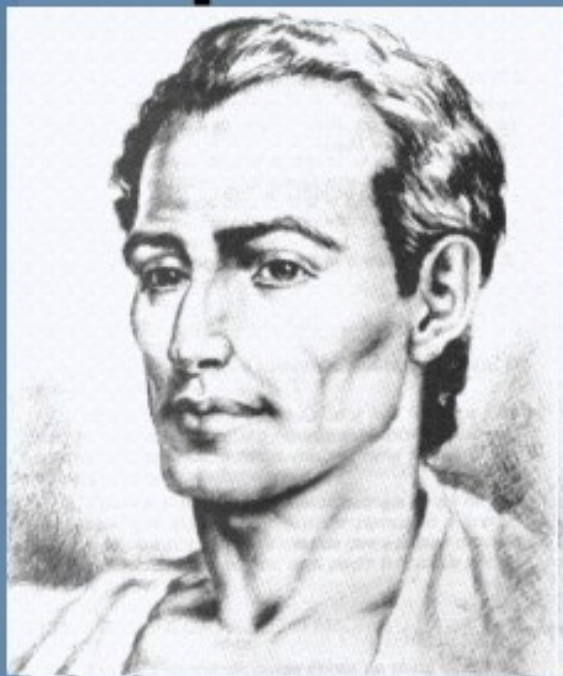


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XII – Sobras

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XII – Sobras	O Consolador	04
Complementos		
Os pratos da balança Divina	O Consolador	05
No templo do bem	O Consolador	07
Fora da caridade não há salvação	O Consolador	08

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XII)

Sobras

Reunião pública 20/02/1959

Questão 715

A sobra em todas as situações é o agente aferidor do nosso ajustamento à Lei Eterna que estatui sejam os recursos do Criador divididos justificadamente por todas as criaturas, a começar pela bênção vivificante do Sol.

É assim que o leite a desperdiçar-Se, na mesa, é a migalha de alimento que sonegas à criancinha órfã de pão, tanto quanto a roupa a emalar-se, desnecessária, no recanto doméstico, é o agasalho que deves à nudez que a noite fria vergasta.

Por isso mesmo, é pelo supérfluo acumulado em vão que começam todos os nossos desacertos perante a Bênção Divina.

Formações miasmáticas invadem-te o lar pelos frutos apodrecidos que recusas à fome dos semelhantes; prolifera a traça na moradia, pelo vestuário que segregas a distância, de quem sofre a intempérie; multiplicam-se víboras e espinheiros na gleba que guardas, inútil; arma-te a inveja ciladas soezes, ao pé de patrimônios materiais que reténs, sem qualquer benefício para a necessidade dos outros, e, sobretudo, os expoentes da criminalidade e do vício senhoreiam-te a vida, nas horas vagas em que te refestelas nos braços da ilusão, exaltando a leviandade e a preguiça.

Não olvides, assim, que toda sobra desaproveitada nos bens que desfrutas, por efeito de empréstimo da Providência Maior, se converte em cadeia de retaguarda, situando-te pensamentos e aspirações na cidadela da sombra. E, repartindo com o próximo às vantagens que te enriquecem os dias, seguirás, desde a Terra, pelos investimentos do amor puro e incessante, em direitura à Plenitude Celestial.

Os pratos da balança Divina

“Verdadeiramente caridoso só o é o homem que pensa nos outros antes de pensar em si. Allan Kardec” (1)

É bastante significativo o flagrante testemunhado por Jesus quando uma pobre viúva colocou o seu pequeno e insignificante óbolo no gazofilácio do Templo de Jerusalém; óbolo esse que espiritualmente valeu mais do que as fortunas ali colocadas pelos ricos, vez que estes ofereciam do que lhes abundava, enquanto que ela abria mão do recurso com o qual proveria o seu próprio sustento naquela ocasião.

A caridade que é o único caminho que podemos tomar na direção de nossa alforria espiritual é democraticamente acessível a todos, e os “considerandos” divinos não levam em conta em suas apreciações à questão quantitativa do desempenho, mas tão-somente a qualitativa e sacrificial. Com isso entendemos que mais expressivo e valioso é o óbolo de quem se sacrifica para oferecê-lo do que o de a quem nada custou oferecê-lo, já que se constituiu das sobras que abundavam.

A Parábola dos Talentos é também bastante elucidativa ao nos mostrar que mais em conta é levado o empenho em multiplicá-los do que propriamente a quantidade dos talentos que dispomos para o trabalho da caridade. Não existe equanimidade maior na distribuição das possibilidades de ascensão e alforria espirituais. Todos nós, sem exceção, podemos lograr o desiderato maior assinado por Deus para as Suas criaturas, desde que cada um de nós nos empenhemos para tal.

Ensina o Mestre Lionês (1):

(...) Aqueles cuja intenção está isenta de qualquer ideia pessoal, devem consolar-se da impossibilidade em que se veem de fazer todo o bem que desejariam, lembrando-se de que o óbolo do pobre, do que dá, privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se privar de coisa alguma.

Grande seria realmente a satisfação do primeiro, se pudesse socorrer, em larga escala, a indigência; mas, se essa satisfação lhe é negada, submeta-se e se limite a fazer o que possa. Aliás, será só com o dinheiro que se podem secar lágrimas, e dever-se-á ficar inativo, desde que se não tenha dinheiro? Todo aquele que sinceramente deseja ser útil a seus irmãos, mil ocasiões encontrará de realizar o seu desejo. Procure-as e elas se lhe depararão; se não for de um modo, será de outro, porque ninguém há que, no pleno gozo de suas faculdades, não possa prestar um serviço qualquer, prodigalizar um consolo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esforço útil. Não dispõem todos, à falta de dinheiro, do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dádiva do pobre, o óbolo da viúva.

Um Espírito Protetor conta (2) uma interessante história do outro mundo, que elucida de maneira magistral toda esta questão:

“Dois homens acabavam de morrer... Dissera Deus:

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XII)

“Enquanto esses dois homens viverem, deitar-se-ão em sacos diferentes as boas ações de cada um deles, para que por ocasião de sua morte sejam pesadas”.

Quando ambos chegaram aos últimos momentos, mandou Deus que lhe trouxessem os dois sacos. Um estava cheio, volumoso, atochado, e nele ressoava o metal que o enchia; o outro era pequenino e tão vazio que se podiam contar as moedas que continha. Este o meu, disse um, reconheço-o; fui rico e dei muito. Este o meu, disse o outro, sempre fui pobre, oh! Quase nada tinha para repartir. Mas, para surpresa geral, postos na balança os dois sacos, o mais volumoso se revelou leve, mostrando-se pesado o outro, tanto que fez se elevasse muito o primeiro no prato da balança. Deus, então, disse ao rico:

“Deste muito, é certo, mas deste por ostentação e para que o teu nome figurasse em todos os templos do orgulho e, ao demais, dando, de nada te privaste. Vai para a esquerda e fica satisfeito com o te serem as tuas esmolas contadas por qualquer coisa”.

Depois, disse ao pobre: “Tu deste pouco, meu filho; mas cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação que te impuseste; não destes esmolas, entretanto, praticaste a caridade, e, o que vale muito mais: fizeste a caridade naturalmente, sem cogitar de que te fosse levada em conta; foste indulgente; não te constituíste juiz do teu semelhante; ao contrário, todas as suas ações lhe relevaste: passa à direita e vai receber a tua recompensa”.

Aí temos um riquíssimo material para profundas e adequadas reflexões!...

Rogério Coelho, Os pratos da balança Divina – O Consolador – Nº 132 – 08/11/2009

Referência:

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. XIII, item 6)

(2) **Kardec** Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. XIII, item 15)

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XII)

No templo do bem

Elogiável se te fará a beneficência nas atitudes, despendendo somas consideráveis, em favor dos necessitados, mas se buscares pessoalmente os irmãos infelizes, oferecendo-lhes o abraço de solidariedade e bom ânimo, brilhar-te-á no coração a bondade pura.

Cooperarás com expressiva parcela amoedada na obra assistencial aos doentes e serás, com isso, o credor de alegria e reconhecimento de muitos beneficiários na Terra, entretanto, se além disso, te confiares ao esforço de auxiliar ao enfermo e ao desvalido, com as próprias mãos, contarás com a ternura e com o agradecimento de outras muitas criaturas na Vida Maior.

Serás estimado por muita gente ao ceder as sobras de tua casa no socorro aos famintos e aos nus, no entanto, se renunciares um tanto, à satisfação dos próprios desejos, procurando os filhos do infortúnio, para reconfortá-los, serás louvado além do mundo.

Ensinarás o bem, escalando os galarins da popularidade, pelo verbo fácil que te fulgura na boca e serás, em razão disso, o favorito das multidões, durante algum tempo, mas se praticares a virtude que apregoas, sacrificando-te com sinceridade e devotamento, em auxílio dos que te rodeiam, iluminarás o caminho terrestre e viverás em longas filas de corações agradecidos.

Procuremos o bem, difundindo-o, exaltando-o e destacando-o, através de todas as oportunidades ao nosso dispor, entretanto diligenciemos honrá-lo, com a nossa integração em seus fundamentos e apelos.

Caridade ensinada melhora os ouvidos. Caridade praticada aprimora os corações. Dividir conscienciosamente os bens que retemos é sustentar a respeitabilidade humana. Renunciar, a benefício do próximo, será sempre, elevar-se.

Derramando os valores da própria alma, Jesus legou ao mundo os tesouros da Compreensão e da Paz.

Além de espalhar as possibilidades com que a Providência Divina nos abençoa a vida, forneçamos no auxílio aos outros, algo de nosso tempo, de nosso suor, de nosso carinho e de nossos braços, na mobilização de nós mesmos, e estaremos, transformando a própria existência num poema de luz e amor que possa acrescentar o amor e a luz sobre os quais o Cristo, entre os homens, vem construindo o Reino de Deus.

Elucidações de Emmanuel, No templo do bem – O Consolador – Nº 127 – 04/10/2009

Emmanuel, Livro: Dinheiro, (Chico Xavier)

Fora da caridade não há salvação

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível

Caridade é um processo, ela nos transforma de ser egoísta para ser amoroso. O egoísmo é o oposto de caridade, é uma forma de comportamento na qual temos um desejo de estar bem, e nesta busca para estar bem não percebemos a diferença entre o estado de espírito em estar bem e em ser bem. Ser não é possuir. Estar não é ser. Viver por viver gera insatisfações. Viver para estar bem gera lacunas em nossa alma, não é possível estar bem o tempo todo e, nestes momentos, abrimos a porta de nossa alma para as síndromes, para as paranoias, para a infelicidade.

Perdemos tempo demais em vivências egoístas e só começamos a ampliar nossa visão da felicidade quando começamos a perceber que dependemos do outro para sermos felizes, quando começamos a sentir a fome das crianças abandonadas, o desespero dos desempregados, o medo dos sem-teto, a falta de sentido da vida dos viciados, a necessidade de atenção do idoso, a importância do consolo para aquele que sofre. A construção do amor em nós deve ser amadurecida em todas as camadas do nosso psiquismo, das mais superficiais às mais profundas, somente assim entenderemos o sentido de ser bem. A caridade é a ferramenta que nos auxiliará nesta construção. Podemos utilizá-la em todas as fases, quando distribuirmos nossas sobras, seja de dinheiro, de comida ou até quando passarmos a dividir nosso dinheiro, nosso tempo, nossa comida, nosso consolo, de forma automática, sem reservas, simples como o próprio ato de respirar.

Kardec questiona aos luminares superiores n'O Livro dos Espíritos, questão 886, e pergunta qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? “– Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.” Allan Kardec esclarece: “o amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência porque da indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados”.

A vida nos oferece as mais variadas possibilidades de atuação no campo da Caridade. No amparo material, através do pão que alimenta; do abrigo que acolhe; do agasalho que ameniza o frio ou do recurso financeiro que suaviza a penúria – é a caridade material. Na intimidade do ser sob a forma do perdão silencioso que enobrece; da prece íntima que revigora ou do amor verdadeiro que liberta. São atitudes mentais que, em primeiro lugar, nos favorecem, e, lançadas no espaço, certamente beneficiarão todos a quem se dirijam, encarnados ou desencarnados – é a caridade mental.

Nas palavras que proferimos. Muitas são as tragédias íntimas e coletivas que podemos evitar pela palavra que, quando sábia, orienta e edifica; quando suave, sufoca o pranto; quando indulgente, atenua a culpa; quando consoladora, dissipa o sofrimento;

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XII)

quando plena de amor, rompe o ódio ou, quando em forma de oração, nos aproxima de Deus – é a caridade verbal.

Quando silenciemos ante uma ofensa provocada pelo desequilíbrio ou nos calamos para ouvir um desabafo de quem por tantas vezes não encontrou quem o fizesse – é a caridade passiva. No afago paternal que envolve uma criança; em um beijo carinhoso que aproxima as almas ou em um aperto de mão que faz brotar o sorriso num rosto antes amargurado – é a caridade gestual. Na mediunidade, como recurso precioso de auxílio a encarnados e desencarnados, praticando a solidariedade através das faculdades mediúnicas de que dispusermos – é a caridade mediúnica.

Assim continuamos a transformação lenta e gradual do orgulho e do egoísmo, o que só é possível através da prática da Caridade, em suas múltiplas e divinas manifestações. Fora dela, conforme a máxima eternizada pelo Espiritismo, não há salvação; salvação que representa para nós, espíritas, a inevitável purificação espiritual — única finalidade de nossas sucessivas existências.

Maria Ângela Miranda, Fora da caridade não há salvação

– O Consolador – Nº 391 – 30/11/2014